

Antígona Gelada

ARMANDO NASCIMENTO ROSA

Colecção
Fluir Perene

PREFÁCIO
MARIA DO CÉU FIALHO



AUTOR: ARMANDO NASCIMENTO ROSA

TÍTULO: ANTÍGONA GELADA

EDITOR: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

EDIÇÃO: 1ª / 2008

© do autor (Armando Nascimento Rosa) e CENDREV

CONCEPÇÃO GRÁFICA: FLUIR PERENE

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: DESIGN MILIDEIAS SOBRE FOTO DE PAULO NUNO SILVA
(MARIA MARRAFA NA PERSONAGEM DE ANTÍGONA, CENDREV, 2008)

TIRAGEM: 200 EXEMPLARES

APOIOS:

FLUIR PERENE

UI&D – CECH/POCI 2010

CENDREV

IMPRESSÃO E PAGINAÇÃO:

SIMÕES & LINHARES, LDA.

AV. FERNANDO NAMORA, N.º 83 - LOJA 4

TEL.: 239 084 200 | FAX: 239 082 199

3030-185 COIMBRA

PEDIDOS: CENDREV E ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS (APEC)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-95751-9-6

DEPÓSITO LEGAL: 286 601/08

Personagens

Mutantes Mortos: Fantasmas de soldados de Tebas 9

Polinices: irmão de Antígona, morto num atentado falhado contra Creonte

Antígona: militar de carreira em Tebas 9

Hémon: filho de Creonte e de Eurídice, *performer* no Sileno Bar

Creonte: Chefe maior da estação espacial Tebas 9, em Caronte

Ismena: irmã de Antígona, directora de informação e imagem

Jocasta2: clone de Jocasta, técnica de hibernação humana

Tirésias: engenheiro genético transexual, que já foi Eurídice

Jocasta: mãe e ex-mulher de Édipo, antiga primeira dama de Tebas 9

Crisipo: mutante, filho da Esfinge, companheiro de Jocasta

Meteco: guarda do Instituto de Hibernação de Tebas 9

Dois Guardas

A acção de Antígona Gelada decorre na colónia espacial de Tebas 9, em Caronte, o maior dos satélites naturais de Plutão, numa fábula cujo tempo dramático se situa algures no futuro.

É aconselhável que a peça seja interpretada por um número mínimo de oito actores, se exceptuarmos desta soma os Dois Guardas: actor 1 – Tirésias; actriz 1 – Antígona; actor 2 – Polinices; actor 3 – Hémon; actor 4 – Creonte; actriz 2 - Jocasta 1 e Jocasta; actriz 3 - Ismena; actor 5 - Crisipo e Meteco.

Antígona Gelada tem uma antestreia a 3 de Dezembro de 2008, na sala principal do Teatro Municipal Garcia de Resende, em Évora, como espectáculo de abertura do 6º Encontro de Teatro Ibérico, constituindo a 163ª produção do CENDREV (Centro Dramático de Évora), estreando depois em Lisboa na sala maior do Teatro da Comuna, em 11 de Dezembro de 2008 (até 21/12); após o que se apresenta de novo em Évora, a partir de 8 de Janeiro de 2009, no mesmo palco da sua antestreia (até 01/02/2009).

Encenação: João Mota

Dramaturgia: Armando Nascimento Rosa e João Mota

Interpretação:

TIRÉSIAS: Victor Zambujo

ANTÍGONA: Maria Marrafa

POLINICES: Jorge Baião

HÉMON: Rui Neto

CREONTE: José Russo

JOCASTA2 e JOCASTA: Rosário Gonzaga

ISMENA: Ana Meira

CRISIPO e METECO: Álvaro Corte Real

Cenografia e Figurinos: Sara Machado da Graça

Máscaras: Cecília Sousa

Iluminação: António Rebocho e João Mota

Sonoplastia: Hugo Franco

Direcção de construção do cenário: Tomé Baixinho

1º Acto

CENA 1

TIRÉSIAS: Esta história já foi contada muitas vezes. Mas nunca como hoje. É uma fábula que arranjei para me distrair da cegueira. A minha mãe pôs-me o nome de Tirésias porque nasci cego. Mas não sou adivinho. Ela era professora de línguas mortas. E adorava ler-me em voz alta os mitos gregos. Quando se cansava deles, alterava-os. Tudo se tornava imprevisível. Deixava-me sem fôlego. Aprendi com ela a fazer o mesmo. Não esperem aqui pelos enredos do costume. Estão bastante modificados. Sou engenheiro genético. Esta é uma Antígona transgénica. Gosto de fabricar monstros. Híbridos reconhecíveis. E o primeiro monstro em que apliquei as pesquisas fui eu mesmo. Enxertei células de mocho e de morcego nos meus olhos cegos, e agora detecto as coisas com a luz e o radar dos seres nocturnos.

Estamos em Caronte, a maior das luas de Plutão, planeta despromovido; o astro mais longínquo do sistema solar, também o mais frio e inóspito. Caronte está coberto de água gelada. Por isso se instalou aqui uma colónia humana. Os fundadores deram-lhe o nome de Tebas 9. Não deviam tê-lo feito. Isso despertou fantasmas antigos. Caronte e Plutão são nomes que chamam a morte. Nesta Tebas do espaço, regressam no futuro os rostos do passado. Creonte governa. Édipo está em hibernação, numa vida suspensa. Antígona dorme o primeiro sono desde a morte dos irmãos. Precisou de tomar comprimidos. Em Caronte os mortos povoam o sono dos vivos.

Desejo-vos um bom espectáculo... (Sai.)³

CENA 2

Antígona dorme um sono agitado na sua cama solitária. Luz de obscuridade nocturna. [Estão em cena fantasmas de Mutantes Mortos que lhe espiam o sono.

Mutante1: És tu que lhe provocas pesadelos?

Mutante2: Por que raio havia de ser eu?

Mutante1: Porque morreste num batalhão que ela comandava. Não lhe perdoas o teres perdido a tua vida de mutante.

Mutante2: Fazes ficção comigo. Escolhe mas é outra personagem. Mesmo morto, sou fiel a Antígona.

Mutante1: O que é que ela te fez para merecer isso?

Mutante2: Sempre me tratou como seu igual. Não encontrei ninguém mais justo em cenário de guerra. Para toda a gente os mutantes são apenas monstros de aviário, fabricados para a indústria da morte.

³ Numa versão cénica que suprima a cena 2, como foi o caso da produção de estreia da peça, a fala de Tírsias introduz o encontro de Polinices e Antígona ocorrido no sonho e termina deste modo: «Em Caronte os mortos povoam o sono dos vivos. Polinices é um morto recém-chegado. Quer entrar no sono da irmã. Vou deixá-los a sós. Desejo-vos um bom espectáculo... (Sai.)»

Mas para ela, nós temos tanto valor como qualquer pessoa.

Mutante1: Parece uma fera enjaulada. Como ela se torce! Deve ser falta de homem, ou então de mulher... E eu que não te posso valer, minha querida. Não estivesse eu morto e por ti até calçava salto alto.

Mutante2: És mesmo bronco.

Mutante1: Anjinho... Diz-me lá se não te dava tesão receber ordens desta mocetona!

Mutante2: Não somos todos iguais.

Mutante1: Mas tu és, meu amigo. Igualzinho a mim. Da mesma fornada. Somos a escória dos planetas habitados. Os humanos são filhos do Sol e da macaca do Charles Darwin, mas nós, mutantes, fomos paridos pela puta mais antiga: a guerra. Pais temos nós muitos: são os engenheiros genéticos contratados pelo Ministério da Defesa.

Mutante3: Que barulho é este no quarto da Comandante? Não encontram melhor sítio para a tagarelice?

Mutante1: Soldados mortos não perturbam o repouso dos vivos.

Mutante3: Isso é o que tu pensas... Por que é que julgas que Antígona tem o sono agitado?

Mutante2: Não faço ideia.

Mutante1: Por minha causa não é de certeza.

Mutante3: Detesto ver gente mal informada. Não basta estarem mortos. Também é preciso serem ignorantes. Por toda a colónia há ecrãs noticiosos. É impossível não saber o que ocorreu em Tebas 9.

Mutante1: Então nós somos o impossível.

Mutante2: Eu já em vida era muito distraído. Agora morto estou pior ainda.

Mutante1: (*Para Mutante3*) Mas tu tens cara de quem está mortinho por iluminar a nossa ignorância.

Mutante3: Houve hoje um atentado contra o chefe maior de Tebas 9.

Mutante1: E Creonte morreu?

Mutante3: Não. Foi uma tentativa falhada.

Mutante1: Ora que pena. Tebas 9 só tinha a ganhar com o fim desse escroque. O que é que correu mal?

Mutante 3: O atentado custou a vida a dois irmãos que o poder separou: Polinices e Etéocles.

Mutante2: Os irmãos de Antígona. Então é por isso que ela está assim. (*Entra o fantasma de Polinices.*)

Mutante3: Polinices é um recém-chegado. Quer entrar no sono da irmã. Venham! Deixemo-los a sós. (*Os três Mutantes mortos saem de cena.*)]

CENA 3

POLINICES: Antígona, temos pouco tempo. Muitos são os mortos a invadir o sono dos vivos. As linhas estão sempre ocupadas. (*Ri-se com amargura.*) Parece os telefones antigos. Há uma barreira invisível que nos separa. Nunca mais podemos conversar como dantes. (*Senta-se na cama de Antígona.*)

ANTÍGONA: Polinices, meu irmão. (*Abraçam-se.*) Eu queria tanto dormir e não era capaz. Tomei uns comprimidos que prometiam viagens de ida e volta ao além. Comprei-os na candonga da net.

POLINICES: Foste imprudente. Ninguém controla a composição dessas drogas.

ANTÍGONA: É graças a elas que falo contigo. Não me censures. Eu não soube o que fazer quando vi a tua morte em directo nos écrãs.

POLINICES: O nosso irmão também morreu comigo.

ANTÍGONA: Eu sei, mas não posso sentir por ele o mesmo. É defeito meu, talvez. Mas Etéocles era um cão amestrado de Creonte. Sentia-se feliz por ser sabujo do homem que traiu o nosso pai. Dava-me nojo.

[POLINICES: O dinheiro e o poder compram a alma. Ele precisava de muito dinheiro para alimentar uma família extensa. Desde que aderiu com a mulher àquela seita do esperma sagrado. Rejeitam a contracepção e as incubadoras.

ANTÍGONA: São uns fanáticos. Procriam como coelhos. Já tinham em casa uma equipa de futebol espacial. (*Riem-se ambos.*)

POLINICES: Sorte a dele, se os filhos tivessem jeito para o futebol, já o nosso irmão não precisava de lambar as botas ao Creonte. (*Muda de registo.*) Mas o pai dessas crianças morreu por minha causa.

ANTÍGONA: Temos agora uma dezena de sobrinhos órfãos. Talvez Creonte os adopte como filhos. Afinal, o pai deles morreu para lhe salvar a vida

POLINICES: Não troces, Antígona. Eu não queria matar Etéocles.]

ANTÍGONA: O que é que te passou pela cabeça? Como é que tu querias matar Creonte no meio da escolta pessoal que o guarda dia e noite? Foi um gesto suicida.

POLINICES: Parecido com o teu. Por que é que tu te drogaste? Nunca fizeste nada assim. Sabes lá o que é que metem nas pastilhas...

ANTÍGONA: Queria esquecer. Ou morrer contigo. Mas não tive coragem. (*Pausa.*) E tu, não me respondeste.

POLINICES: Levava comigo esta agulha minúscula (*Exibe na mão a arma invisível.*) Bastava tocar-lhe com ela no braço. Mais leve que a picada de um mosquito. E um exército terrível entrava-lhe no corpo. Robôs mais pequenos do que o vírus da gripe. Ao fim de breves minutos, Creonte morreria. Os nanorobôs destroem-se a si mesmos depois de fazer o seu trabalho. Não deixam rasto nas células. É difícil apurar a causa de morte... Era uma sessão pública de cumprimentos. Eu ia apenas apertar a mão a Creonte, como um vulgar eleitor de Tebas 9, feliz por ele iniciar o seu sétimo mandato.

ANTÍGONA: Mas não contavas com o nosso irmão canino.

[POLINICES: Eu trazia o cabelo pintado. Uma máscara de silicone escondia-me as feições. É como se Etéocles me tivesse conhecido pelo cheiro.

ANTÍGONA: Como os cães, como os cães...]

POLINICES: E eu nem o tinha visto. Vestem-se todos de igual. Etéocles percebeu que eu ia matar o chefe maior e defendeu-o com